

**DAMIÃO EXPERIÊNCIA:
PALAVRAS E IMAGINÁRIO DO PLANETA LAMMA**

*Sílvio Roberto dos Santos Oliveira**

*Marcos Antonio Maia Vilela***

RESUMO: O compositor Damião Experiência integrou-se a uma tradição de artistas negros da diáspora nas Américas partícipes do que se pode chamar de “reversão de imaginário”, através de suas obras. No caso específico de Damião, ele procede a uma leitura da sociedade através das letras de suas canções, compostas na língua do Planeta Lamma, que é, ao mesmo tempo, um refúgio criativo e uma expressão altamente comunicativa, por código em princípio contraditório “ininteligível”. A contemporaneidade está repleta de discursos sobre a influência do conhecimento científico e tecnológico nas projeções para o futuro, constantes em diversas narrativas, literárias e cinematográficas, peças publicitárias e especulações de um modo geral. No entanto, notamos a exclusão de grupos minoritários, dentre eles, a comunidade afrodescendente na produção artística e cultural em diálogo direto com tais projetos de futuro. Para refletir sobre a importância de Damião Experiência enquanto um sujeito negro na diáspora, utilizamos estudos, dentre outros, de Bhaba (2008), Gilroy (2008) e Santos (2004).

PALAVRAS-CHAVE: Diáspora; Imaginário; Damião Experiência

* Professor Titular da Universidade do Estado da Bahia (Uneb). Doutor em Teoria e História Literária pela Universidade de Campinas (Unicamp).

** Professor Assistente da Universidade do Estado da Bahia (Uneb). Mestre em Estudos de Linguagens pela Uneb. Doutorando em Teoria e História Literária pela Universidade de Campinas (Unicamp).

(...) Então eu digo: Planeta Lamma. É o planeta mais certo que existe no universo. Porque todos ali são iguais, um não pode falar do outro porque todos vão para ali, para serem eles mesmos, podem ser brancos, amarelos, pode ser encardido, pode estar lindo, pode estar bem pintado, pode ter a maior mansão, tudo de confortável, derrepente bateu o coração, e vamos todos nós para o Planeta Lamma.

(Damião Experiência no Livro de Damião Experiência)

Há gente esquecida, aquelas pessoas que perdem a memória. E há aquelas que são propositalmente esquecidas pelo cânone da memória. Damião Ferreira da Cruz adotou vários nomes em seus discos, todos variando o sobrenome a partir da palavra “experiência”, e um deles o consagrou como “Damião Experiência”, assim grafado com o cê-cedilha, opção que passa a ser adotada no decurso deste artigo. Nascido em Portão, na cidade de Lauro de Freitas – Bahia, Damião possui uma biografia e produção artística que até o momento permanece sem qualquer análise mais específica nas pesquisas acadêmicas, sobretudo aquelas voltadas para os estudos da cultura e expressão identitária no contexto afradiaspórico do Brasil. Damião faleceu no Rio de Janeiro em 10 de dezembro de 2016.

Conhecido pelo mundo *underground* da música brasileira da década de 1970, Damião despertou a curiosidade e interesse de fãs brasileiros que, dedicados a manter um site exclusivo na internet¹ com informações sobre o artista e sua discografia, reuniram um pequeno acervo com imagens, vídeos e fotos. Além disto, com o intuito de disponibilizar obra de Experiência, também converteram o áudio dos discos de vinil à época para o formato mp3, permitindo que os usuários obtivessem, com o consentimento do artista, o acesso irrestrito à sua produção musical.

Um contato superficial com a obra de Damião aponta imediatamente para a sua figura controversa de difícil identificação no universo cultural brasileiro em plena ditadura militar. Esta dificuldade se amplia, justamente na aversão que o artista tinha a conceder qualquer tipo de entrevista, não se expondo em programas de TV e rádios, shows ou contratos com gravadoras, temendo a ridicularização e/ou incompreensão de suas ideias.

¹ <http://www.damiaoexperiencia.net/home.htm>

Mesmo diante do afastamento voluntário do mundo da mídia, referências a Damião podem ser encontradas na música brasileira contemporânea, seja através de citações diretas ou na apropriação de sua estética inovadora. Um exemplo é a música *Jimmy Janis it's fire* do álbum “Infinito circular” (1997) do grupo “Os Novos Baianos”. A música destaca a importância de Jimi Hendrix para a história da guitarra e não deixa de homenagear o baiano Damião. O refrão associa: “Eu ciência / Damião Experiência”. Talvez o destaque seja a semelhança do nome da banda *The Jimi Hendrix Experience* (e seu famoso álbum *Are you experienced?*, de 1967) com Damião Experiência, mas isto não deixa de evidenciar uma importância.

Outro exemplo da presença do artista no universo cultural está no trabalho dos cineastas Ricardo Movits e Jimi Figueiredo. Ambos produziram o documentário “Damião Experiência”², exibido em diversas mostras e festivais de cinema no Brasil, dentre elas o 40º Festival de Cinema de Brasília (DF), realizado em 2007 e a IV Mostra de Cinema de Vitória da Conquista (BA), realizado em 2008. O filme, com dezessete minutos de duração, apresenta algumas cenas do cotidiano do artista, sua música e opinião sobre alguns temas.

O trabalho de Damião extrapola todos os limites de definição sobre a música e composições daquela época. O próprio artista criava e acompanhava todo o percurso de produção dos discos, arranjos, títulos das músicas, até a organização e criação dos encartes que acompanhavam os discos. Em alguns, Damião oferecia ao público um pouco de sua biografia. Em um dos encartes, chamado “o livro”, encontramos boa parte das informações sobre o artista, seu local de nascimento, desavença com os pais, fuga para a cidade do Rio de Janeiro, o trabalho na Marinha do Brasil, a aposentadoria adquirida como consequência de um acidente de trabalho e a vida de mendicância (Damião realmente foi “mendigo”) nas ruas da capital fluminense. Deve-se destacar que, atualmente, “o livro” está disponível no *site* criado e mantido pelos fãs, conservando as características da linguagem do artista à

² Disponibilizado integralmente no Youtube através do link <<https://www.youtube.com/watch?v=yGGR-LTE9A1g>>

época. Algumas das informações ali apresentadas trazem esclarecimentos sobre os temas mais recorrentes de suas músicas.

Criações do imaginário de Damião, o “Planeta Lamma” e a sua língua apareceram no primeiro disco, lançado em 1973. Além de ser o título desta primeira produção, Planeta Lamma é também o selo da gravadora, criada por ele para gravar suas músicas de modo independente. As treze faixas deste primeiro disco são cantadas na língua do Planeta Lamma, mantendo-se o título das músicas em língua portuguesa. A estranheza da língua inventada pode causar no ouvinte um desconforto que tangencia o deboche e inconsistência aparente ou reconhecimento de sua ousadia e originalidade melódica. A língua do Planeta Lamma, apontamos, é o veículo utilizado por Damião com um sentido de estranhamento com o real, anomalia e exterritorialidade em sua reversão estética e revolucionária da música.

Aqui estamos a convocar uma melhor atenção a esse compositor, letrista, artista de ruas, baiano que foi abduzido pelo seu próprio imaginário. Não será possível salientar neste artigo os temas (homem, mulher, sociedade, identidade, evolução etc) ou as sutilezas simbólicas presentes nas suas letras, mas cabe apontar o diálogo que é estabelecido com a cultura popular, o ritmo e imaginário. Por exemplo na letra (na língua do Planeta Lama) da canção “Que dor eu sinto”³:

Que dor eu sinto

Imekai bobilê sabilom
Esidai esigai
Lopilina ki biusumboa
Kilo fabilo
Inessai inakai Ilobe singueia
Mate fai labilo

3 Cópia da transcrição realizada pelo pesquisador Edmond Benjamin Jerome Julien Thauront, Mestre em Estudo de Linguagens pela Universidade do Estado da Bahia. Em 2013, como um dos produtos da Disciplina Recepção e Identidade, ministrada pelo Professor Sílvia Roberto dos Santos Oliveira, procedeu à transcrição da letra da canção *Que dor eu sinto*, de Damião Experiência.

Ai sibilo é prime love tulo
Ilino parissinha até lom matelo

Eneissai é biule som teia
kelin mafelina amelina mafelo
Ai la saiam lina é mileia
Ki mine amelina ameribo amiro

Aiai senhona é mira massieia
E miro maricona e miro mafilo

Diu é siem
Diria marifranha
Ke lirê morilo
Tambi lino fica
Kirino mirilia
Tambi li moriló
Girino aflina
Kori loporina
Quelo mafelo
Kai na kaia
Kirino mafleia
Querina mafilina
Aberina mafelo

Bilê saia icambai mafleia
Querino mafilaia
Querino mafelo
É na caia filomoa
Quelino mafleia
Abilina mafelo
Bilo marçinha
Querino mafleia
Timer mafelo
É na caia
Kileni mafleia
Kerino mafilina
Arino mafelo

Amina aimai sigueia
E simi nissem
Bili e no sai é simi ni e novia
Bili e no sia é no mori marilo
É na caia é bilo no froia kino manareia
E bilino mafilo
Ei na teia kelina mafilina
Komi emafilina

Anbilini mafelo

Quando de algumas audições dessa canção de Damião em salas de aula⁴ da Universidade do Estado da Bahia, na cidade de Alagoinhas, os estudantes geralmente tiveram a impressão subjetiva de compreenderem o que estava sendo cantado, seja pela forma das palavras, seja pela junção com a melodia. Sempre há quem *imagine* uma história de amor, algo relacionado a uma flor, a presença de dois ou mais personagens etc. Isto é relevante, pois indica a capacidade comunicativa e motivadora das letras de Damião, embora em língua estranha e, em princípio, ininteligível.

Damião e o estrangeiro

A contemporaneidade está repleta de discursos sobre a influência do conhecimento científico, tecnológico em projeções para o futuro, constantes em diversas narrativas, literárias e cinematográficas, peças publicitárias e especulações de um modo geral. No entanto, notamos a exclusão de grupos minoritários, dentre eles, a comunidade afrodescendente na produção artística e cultural em diálogo direto com tais projetos de futuro.

Há um pressuposto de que a história e aspirações dos negros no Brasil estão vinculadas à cultura agrária, primitiva e indolente, caracterizando um aspecto da civilização menosprezado pela ideia de modernidade e futuro pautado no elevado desenvolvimento tecnológico. Além disto, consideramos que as culturas de tais grupos minoritários se distanciam dos paradigmas que orientam o ideal de futuro. A música e a literatura produzidas e/ou protagonizadas por afrodescendentes não estariam de acordo com estas projeções de civilização.

Ao longo da tradição literária europeia e norte americana, vários escritores de ficção científica projetaram (e ainda projetam) o futuro de civilizações terrestres em contato com

4 Experiências realizadas de 2012 aos dias atuais em componentes disciplinares ministrados pelo Prof. Sílvia Roberto Oliveira no Campus II da Universidade do Estado da Bahia, como, por exemplo, em *Aspectos Históricos e Culturais*.

alienígenas, culturas planetárias, relações hierárquicas de submissão e valorização de traços culturais hegemônicos, exploração e colonização de planetas desconhecidos ou sua eliminação, aproveitando deste modo os modelos provenientes de grandes narrativas da história e cultura ocidental.

Interrogamos, portanto, a atuação cultural dos grupos e indivíduos excluídos do processo de reflexão sobre a modernidade, o desenvolvimento tecnológico no Brasil e participação direta e/ou indireta na indústria cultural. Neste quadro, desconsideramos a presunção de que tais grupos se mantiveram como meros espectadores que não exercitaram a crítica ou subverteram o discurso hegemônico. A figura de Damião Experiência traça uma perspectiva de rasura a partir da inovação de sua ficcionalização do mundo, criando planetas inexistentes e uma língua estranha com a qual é possível se expressar artisticamente.

Diante disto, dizemos que o trabalho de Damião fugiu das tradicionais expressões da arte e música afrodescendentes daquele período e isto permite vislumbrar uma concepção de identidade planetária e plural, destacando um traço da estética da diáspora afro. Neste sentido, a produção artística de Damião encontra uma sintonia mais intensa com artistas, músicos e literatos afro-americanos, ao mesmo tempo em que se associa a uma ancestralidade africana presente no ritmo de sua musicalidade, na afirmação do cântico estrangeiro em terra desconhecida.

A criação de um planeta e sua língua, presentes em sua narrativa musical, parece demarcar um distanciamento do espaço sociocultural no qual vivia, revertendo o discurso da falta de interesse sobre o contato com um aspecto cultural estrangeiro.

As treze músicas do disco *Planeta Lamma* são cantadas em uma língua para a qual não existe nenhum tipo de tradução ou gramática que normatize seu uso. A reprodução escrita das músicas não acompanha o encarte dos discos e não há um registro específico de sua grafia. Os títulos em língua portuguesa invocam sentimentos, descrições ou relações com a vida do planeta, tais como: “Linguagem do povo do infinito ao universo de rose de 1999”, “Linguagem do planeta lamma musica do planeta lamma”, “Que dor eu sinto”,

“Minha dor”, “Mundo no espaço”, “Planeta Lamma”, “Esse tal de Damião, ele é cafetão”, dentre outras.

Aqui, pensamos na possibilidade de verificar no disco de Damião *Experiência* um aspecto da estética afrobrasileira que demonstre uma compreensão do universo e do sujeito afrodescendente a partir do imaginário sobre culturas interplanetárias e o uso da língua como expressão artística e identitária que interroga e dilata seu espaço de produção e compreensão da cultura.

A produção artística de Damião *Experiência* pode trazer significativas contribuições aos estudos da cultura afrobrasileira, à medida em que tocamos na busca por um discurso performático (BHABHA, 2003) inscrito na rasura de propostas concebidas pela cultura hegemônica da modernidade. Este percurso se torna mais interessante quando abordamos destaques de um universo ficcional atípico através do qual o artista dialoga para apresentar sua criação, pautada no imaginário sobre o estranhamento na concepção de mundos interplanetários diante de uma cultura global marcada pela hierarquização de saberes.

Além disto, a produção de Damião *Experiência* destaca um traço das culturas afrodescendentes do Brasil até o momento desconhecido do espaço acadêmico comprometido na análise de produções ficcionais e expressões identitárias de grupos e/ou sujeitos rejeitados pelo projeto de modernidade ocidental. A investigação de uma produção cultural não associada a um grupo, filiação estética ou gêneros hegemônicos, fundamenta o caráter inovador da análise destinada a ampliar a compreensão de propostas de reversão do artístico, além do próprio discurso ficcional construído no interior de um gênero heterodoxo.

O trabalho de Damião *Experiência*, marcadamente intertextual, subverte a relação com processos de exclusão e violência contra o sujeito que busca uma sobrevivência artística ao se apropriar de linguagens consideradas alheias a seu universo de interação cultural. O modo artesanal de produção dos discos, e dos encartes é um dos exemplos de estratégias de superação da violência exposta pela privação do acesso ao mercado e difusão de bens culturais. Os encartes eram produzidos a partir da colagem de fotografias de Damião e diversos recortes de imagens e tipografia de jornais e revistas, constituindo uma estética da

sobrevivência. A análise destes recursos pode trazer contribuições aos estudos da produção de bens culturais e suas relações com expressões identitárias rejeitadas pelo projeto de modernidade.

Uma fundamentação acadêmica

Partimos através de uma perspectiva epistemológica apoiada na análise teórica proposta por Boaventura de Sousa Santos (SANTOS, 2004) quando critica a existência de uma razão metonímica no discurso da cultura ocidental. Esta razão é “obcecada pela ideia de totalidade sob a forma de ordem” (SANTOS, 2004, p. 782) e traz consigo uma epistemologia limitadora que despreza qualquer possibilidade de construção do conhecimento em universos culturais marginalizados, anulando a diversidade de perspectivas e suas formas de compreender o tempo e o espaço. Deste modo: “[...] a multiplicidade de mundos é reduzida ao mundo terreno e multiplicidades de tempos é reduzida ao tempo linear.” (SANTOS, 2004, p. 783).

A tentativa de grupos e sujeitos marginalizados se inscreverem nos discursos sobre o progresso e o engajamento na modernidade se dá de diversas formas. Segundo Gilroy (2007, p. 398), “[...] podemos ouvir com proveito a futurologia evidente nas culturas negras populares e interpretar seus comentários sobre ciência e tecnologia como tendo algum propósito em termos de matérias éticas e mesmo políticas”. De um modo geral a cultura popular ajudou a difundir narrativas sobre o futuro, em grande maioria pautada no desejo e na utopia. Na música brasileira, colhemos um pequeno exemplo do modo como há uma interferência produtiva da linguagem do samba aliada ao imaginário científico brasileiro, quando o sambista Cartola na letra “Ciência e arte” apresenta como refrão: “Não querendo levá-los ao cume da altura / Cientistas tu tens e tens cultura / E neste rude poema destes pobres vates / Há sábios como Pedro Américo e César Lattes”. Um exemplo mais próximo do contexto cultural contemporâneo da cidade de Salvador é a cotidiana performance de Jaime Figura em seus trajes futurísticos confeccionados por ele mesmo com materiais recicláveis em seu atelier no Pelourinho. Não hemos de esquecer toda uma tradição que, por

fascínio ou preconceito, remete as culturas e pessoas negras a lugares exóticos ou muito distantes. Lembremos de Lamartine Babo, na famosa marchinha de 1932, “O teu cabelo não nega, mulata” (que era uma apropriação não autorizada da canção “Mulata”, de José Valença e João Valença, recifenses): “Porque mulata, tu não és deste planeta”.

Sabemos que escritores e jornalistas brasileiros do início do século XX também trabalharam esta curiosidade pelo desconhecido proporcionado pelas descobertas tecnológicas, produzidas pela Europa e Estados Unidos, despertando o interesse cada vez maior por narrativas associadas a civilizações avançadas e/ou alienígenas (VILELA, 2009). A partir da década de sessenta, o discurso norte americano incentivava o desenvolvimento tecnológico com a “corrida espacial” e a rivalidade científica apoiada pela Guerra Fria contra a Rússia. A chegada do homem à Lua afirmava plenamente o discurso de superioridade científica, enquanto a contracultura norte americana representada em parte pela figura dos *hippies*, afirmava a possibilidade de viagens a universos psicodélicos, mundos imaginários e contatos extraterrestres. No Brasil, segundo Silvano Santiago,

Sempre estivemos diante de discursos que encorajavam o conflito armado, discursos reativados nos vários momentos históricos de crise nacional, quando pressões políticas de países hegemônicos apresentam de maneira colonial ou neocolonial os meios para a modernização e o progresso do país através das conquistas da tecnologia de ponta. (SANTIAGO, 2004, p. 109)

O estudo de uma parte da discografia de Damião Experiência permite o reconhecimento de uma maneira específica de leitura e ficcionalização do mundo, enredando uma compreensão e reversão inovadora do estético no contexto da cultura brasileira. Percebemos que a atuação de Damião ocorre num espaço-tempo que não privilegia seus esforços de sobrevivência e sua música é sufocada por uma percepção alicerçada nos modelos hegemônicos. Sua leitura do universo deve ser observada considerando um ponto de instabilidade que não está apoiado em nenhuma narrativa de tradição artística vigente no espaço da modernidade.

Na autobiografia de Damião, localizamos o instante no qual passou a trabalhar com a arte, explicando as motivações que o levaram a criar o Planeta Lamma. Já dissemos, o “livro” autobiográfico compunha o encarte de alguns dos discos de vinil e fugia a qualquer tipo de padronização no uso da língua portuguesa, aspecto mantido na reprodução da narrativa disponível tanto na *internet* quanto neste artigo. Seguindo o relato, Damião sofreu um acidente durante o trabalho que fazia em navios da Marinha brasileira na cidade do Rio de Janeiro. Após o acidente, a Marinha o aposenta e Damião aproxima-se da arte:

Foi aí que eu comecei a pintar, não como um trabalho, mas sim como ma arte. E foi assim que eu entrei no campo da arte. Passei a pintar quadros no estilo meu. Então eu achei dentro da visão da minha pintura o enredo de uma coisa que eu tinha vontade de fazer, era uma linguagem que eu falava que vinha de dentro de mim. Então eu fiz um quadro bonito, lindo e eu dei o nome de Planeta lamma. Porquê Planeta lamma? Porque todos nós iremos para a lama. Porque depois que nós morrermos, a gente vai para o chão, se a gente é queimado, depois as cinzas, a gente põe no chão e elas viram lama; Então eu digo: Planeta Lamma. É o planeta mais certo que existe no universo. Porque todos alí são iguais, um não pode falar do outro porque todos vão para alí, para serem eles mesmos, podem ser brancos, amarelos, pode ser encardido. pode estar lindo, pode estar bem pintado, pode ter a maior mansão, tudo de confortável, derrepente bateu o coração, e vamos todos nós para o Planeta Lamma. (CRUZ, [200-?])

O Planeta Lamma surgiu do contato artístico. É o universo no qual Damião engendra suas narrativas e na língua deste planeta expressa sua compreensão do mundo. Destacamos aqui não o caráter ininteligível da língua e das músicas, mas a utilização da linguagem como espaço de intervenção e visibilidade, como narrativa simbólica do estranhamento e deslocamento do espaço-tempo no contexto da cultura hegemônica. A partir da descrição de Damião, notamos a necessidade de manter a sobrevivência neste mundo estranho, de modo que a criação ficcional deste universo é mais uma estratégia de atuação cultural:

Um diz que é macumbeiro, faz aquela ginástica todinha realmente para ganhar a sua sobrevivência, o ladrão tem a sua maneira de so-

brevivência, o travesti tem a sua maneira, o roceiro a sua, o banqueiro também, cada um tem que ter a sua maneira de sobreviver, tudo isso é um enredo, como o enredo do Planeta Lamma, que é o enredo da minha linguagem, do meu dialeto, das minhas músicas desse meu livro. (CRUZ, [200-?])

Paul Gilroy (2001) ao tratar de aspectos da produção do escritor afro americano Richard Wright, destaca a importância das relações entre a língua e sua intervenção cultural na atuação que busca certa consciência política. Segundo Gilroy, a narrativa de Wright associa a comunidade negra a seres alienígenas, observando o posicionamento dos brancos que não os considerava como iguais, como seres humanos. A reversão a este quadro é dizer que “Agora nossos irmãos de cor estão nos visitando de Marte e Júpiter e os brancos estão suando de pânico.” (WRIGHT apud Gilroy, 2001, p. 285):

Ele se empenha em vincula-la [a luta dos negros na América], em diversos sentidos, com o vernáculo americano negro. Essa conexão é estabelecida, por exemplo, na discussão bem-humorada da cor dos viajantes interplanetários, que aparece no início de *The Outsider*. Um debate sobre se os visitantes vindos de Marte são negros leva um dos personagens de Chicago de Wright a um comentário convincente sobre o racismo moderno, que é inseparável de uma proposição decididamente antietnocêntrica da unidade potencial das populações de cor no planeta. (GILROY, 2001, p. 284)

Gilroy insiste na possibilidade de analisar tais narrativas, considerando o espaço cultural no qual cada sujeito conseguiu estabelecer contatos com o universo artístico frente a seus próprios anseios por sobrevivência. A modernidade ocidental não contemplaria em seus discursos a inserção destes sujeitos como criadores de uma proposta alternativa do comportamento estético e político: “[...] deve-se considerar os apelos para o futuro, feitos por artistas, músicos, críticos e escritores negros - particularmente em circunstâncias históricas nas quais qualquer futuro havia se tornado difícil à sua imaginação” (GILROY, 2007, p. 394). Ainda tecendo problematizações sobre o universo de criação e o imaginário de um língua e planeta, Gilroy chama atenção para os artistas e seus trabalhos na década de setenta, período no qual por alguma razão, Damião Experiência começa a lançar seus discos de vinil. Referindo-se aos historiadores da cultura, Gilroy diz que é necessário

[...] reexaminar aqueles álbuns negligenciados, gravados por artistas deliberadamente futurísticos e populares da Guerra Fria dos anos 70: Dexter Wansell, Masterfleet, Stargard, Earth, Wind and Fire, The Undisputed Truth. Este período de intensa criatividade musical emergiu entre o declínio do Poder Negro e a ascensão do Pan-Africanismo popular desencadeado por Bob Marley. [...] Logo depois a música funk futurística de Wansell – composta de refinamentos tecnológicos da síntese e sequenciamento de som análogo – desafiamos os solos da dança diaspórica ao afirmar com presciência a possibilidade de “Vida em Marte”. (GILROY, 2007, p. 400)

Não se pode negligenciar a análise da produção de Damião Experiência, incluindo o traço marcante da língua do Planeta Lamma. O mesmo Gilroy aponta o uso artístico e performático de uma língua referindo-se ao músico Slim Gaillard e sua língua também interplanetária. Esta percepção sobre os imaginários: “[...] pode ainda nos ajudar a tornar inteligíveis as atividades mais deliberadamente opacas de figuras como Ra, Clinton e Slim Gaillard, outro músico ex-cêntrico cuja conversa em língua hip interplanetárias fora um tanto negligenciadas” (GILROY, 2007, p. 400).

Em outro contexto teórico, Edward Said (2011) interroga seus leitores sobre a possibilidade de constituir uma análise que abandone as simplificações extremas de antagonismos, dirigindo-se a uma compreensão cultural mais ampla e produtiva: “Haverá maneiras de conceber a experiência imperial sem recorrer a termos compartimentalizados, de forma a transformar nossa compreensão tanto do passado quanto do presente e nossa atitude em relação ao futuro?” (SAID, 2011, p. 54). Encontramos uma perspectiva produtiva na análise sobre a produção de Experiência, sustentada pela afirmação de Gilroy quando diz que: “O nosso desafio agora deveria ser trazer visões ainda mais poderosas da humanidade planetária do futuro para o presente, religando-as com as tradições democráticas e cosmopolitas que quase foram apagadas do atual imaginário político negro” (GILROY, 2007, p. 414).

Uma produção tal e qual a de Damião Experiência nos deixa em grandes dúvidas sobre como categorizá-las. A categoria da “loucura” é um escape simplório, não um encaminamento respeitoso ao artista. Esta é uma tentativa de compreensão do Damião que pretende ir além da observação de suas excentricidades. O excêntrico de sua obra desafia-

nos a encontrar um lugar para o artista e homem negro. No lixo, no limbo ou no hospício devemos evitar colocá-lo. O seu ser excêntrico questiona o centro, a autoridade, o correto, o padrão, o normal, o devido, o linear do mesmo modo que outras produções contemporâneas. Esse desvio lhe foi a única estratégia avistada para convocar a atenção de alguns, para existir enquanto fala, mesmo que em princípio uma fala sem sentido, um código lúdico talvez a espera de quem queira brincar e conversar sério com ele.

Em princípio não há sentido na voz de Damião; mas, como sabemos, se até o silêncio pode significar, quanto mais a língua do Planeta Lamma, manifestação intensa de insatisfação com a “mesmice”. A língua Lamma ativa múltiplos sentidos, nem todos estão à superfície, e é muito eloquente. Acreditamos que vinculada de modo ainda misterioso à ancestralidade. Embora de difícil acolhimento pela coletividade, inclusive negra, deve ser considerada no mínimo uma interessante lição de rebeldia. Como um capoeirista, que absorve e aprende os golpes do adversário, Damião responde com essa rebeldia inesperada. Aliás como fazem todos os esquecidos de si, que se rememoram em aspectos igualmente esquecidos da coletividade.

Assim, a busca de uma linearidade temporal e uniformidade do espaço cultural deixa de ser uma prioridade para ceder lugar a experimentações do imaginário da estética afrodiaspórica, pensando Damião Experiência como uma possibilidade real de afirmação do campo teórico.

Em meio às identidades reinventadas e perspectivas defragmentadas, artistas negros das Américas desafiaram, reinventaram e participaram também de certa tradição imaginária, o que nunca significou “irreal”. De formas diversas, às vezes de modo intuitivo, devolveram os estereótipos com alguma graça e muita crítica. Avistamos isso em artistas da literatura e de outras linguagens. E é isto que ocorre na arte ímpar desse artista baiano, poeta da música popular brasileira, Damião Experiência.

DAMIÃO EXPERIÊNCIA: WORDS AND IMAGERY FROM PLANET LAMMA

ABSTRACT: The composer Damião Experiência was associated here in a tradition of black diaspora artists in the Americas. His works could be labelled in “reverse imagery” observing his themes and

methods. According this perspective, Damião read the society from his lyrics, and creating a specific language which he said comes from the Planet Lamma. The language is at the same time a creative space and a high communicative type of expression, even the contradictory speech as "incomprehensible". In contemporary time it was possible to identify discourses about the influence of scientific and technological knowledge projected to the future. This discourses are exposed in different narratives as literary, cinematographic, and marketing pieces in general. However, it was already notes the exclusion of minority groups as afro-descendant community, including artistic and cultural production in direct dialogue with future projects. To reflect about the importance of Damião Experiência as a black artist in the diaspora, it was cited BHABA (2008), GILROY (2008) and SANTOS (2004), among others.

KEYWORDS: Diaspora; Imagery; Damião Experiência

REFERÊNCIAS

CRUZ, Damião Ferreira da. *Livro*. [S. l.] [200-?]. Disponível em <<http://www.damiaoexperiencia.net/livro.htm>>. Acesso em: 29 out. 2012.

BHABHA, Homi. *O local da cultura*. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 1998.

SAID, Edward. *Cultura e imperialismo*. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.

GILROY, Paul. *O Atlântico Negro: modernidade e dupla consciência*. São Paulo: Ed. 34, 2001.

_____. *Entre campos: nações, culturas e o fascínio da raça*. São Paulo: Annablume, 2007.

SANTOS, Boaventura de Sousa. Para uma sociologia das ausências e uma sociologia das emergências. In: SANTOS, Boaventura de Sousa (org). *Conhecimento prudente para uma vida decente: um discurso sobre as ciências revisitado*. São Paulo: Ed. Cortez, 2004

SANTIAGO, Silviano. *O cosmopolitismo do pobre: crítica literária e crítica cultural*. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2004.

VILELA, Marcos A. Maia. *A profecção científica de Humberto de Campos*. Salvador, BA, 2009. Originalmente apresentada como dissertação de mestrado, Universidade do Estado da Bahia, 2009.

Recebido em: 16/09/2018.

Aprovado em: 22/12/2018.